

OS  
DIÁRIOS  
DO  
SEMIDEUS

OS HERÓIS DO OLIMPO



OS  
DIÁRIOS  
DO  
SEMIDEUS

OS HERÓIS DO OLIMPO

RICK RIORDAN

TRADUÇÃO DE DÉBORA ISIDORO



Copyright © 2012 Rick Riordan  
“Son of Magic” copyright © 2012 Haley Riordan  
Copyright das ilustrações © 2012 Steve James  
Copyright das ilustrações dos personagens no encarte © 2012 Antonio Caparo  
Originalmente publicado nos Estados Unidos e no Canadá por Disney • Hyperion  
Books. Essa tradução foi publicada mediante acordo com Nancy Galt Literary  
Agency e Sandra Bruna Agencia Literaria, SL.

TÍTULO ORIGINAL  
The Demigod Diaries

PREPARAÇÃO  
Mônica Reis

REVISÃO  
Suelen Lopes  
Clarissa Peixoto

DIAGRAMAÇÃO  
Ilustrarte Design e Produção Editorial

CIP-BRASIL.  
CATALOGAÇÃO-NA-FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R452d

Riordan, Rick, 1964-

Os diários do semideus / Rick Riordan ; tradução Débora Isidoro ; [ilustrações  
Antonio Caparo, Steve James]. – Rio de Janeiro : Intrínseca, 2013.

288 p. : il. ; 19 cm. (Os heróis do Olimpo)

Tradução de: The demigod diaries  
ISBN 978-85-8057-317-6

I. Literatura infantojuvenil americana. I. Isidoro, Débora. II. Título. III. Série.

13-0722

CDD: 028.5

CDU: 087.5

[2013]

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.  
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar  
22451-041 – Gávea  
Rio de Janeiro – RJ  
Tel./Fax: (21) 3206-7400  
www.intrinseca.com.br

*Para a Winston School de San Antonio,  
um lugar seguro para semideuses.*



## SUMÁRIO



Carta do Acampamento Meio-Sangue	9
<i>O diário de Luke Castellan</i>	13
Os perigos da casa de Hal	84
Gregos e romanos	86
<i>Percy Jackson e o cajado de Hermes</i>	91
Entrevista com George e Martha, as cobras de Hermes	146
Fuga da caverna subterrânea	150
<i>Leo Valdez e a busca por Buford</i>	153
Bunker 9	208
Profecia	210
Desembaralhe as palavras	211
Caça-palavras do Olimpo	212
Respostas dos passatempos	214
Uma nota de Rick Riordan	215
<i>Filho da magia</i>	217





Querido jovem semideus,

Seu destino o espera. Agora que você descobriu sua verdadeira linhagem, deve se preparar para um futuro difícil: lutar contra monstros, aventurar-se pelo mundo e lidar com deuses gregos e romanos bem temperamentais. Não invejo você.

Espero que este livro o ajude em suas jornadas. Tive que pensar muito antes de publicar estas histórias, porque foram relatadas a mim em sigilo absoluto. Porém, sua sobrevivência é prioridade, e este livro vai lhe oferecer informações privilegiadas sobre o mundo dos semideuses — informações que podem ajudá-lo a continuar vivo.

Começaremos com *O diário de Luke Castellan*. Ao longo dos anos, muitos leitores e campistas do Acampamento Meio-Sangue têm me pedido para contar sobre o início da história de Luke, sobre suas aventuras com Thalia e Annabeth antes de eles chegarem ao acampamento. Relutei em atender a esse pedido, pois tanto Annabeth quanto Thalia não gostam de falar sobre aquele período. A única informação que possuo sobre o assunto foi escrita pelo próprio Luke em seu diário, entregue a mim por Quíron. No entanto, acho que está na hora de

compartilhar um pouco da história dele. Isso nos ajudará a entender o que deu errado com aquele jovem semideus tão promissor. Nesse trecho, você vai descobrir como Thalia e Luke chegaram a Richmond, na Virgínia, perseguindo uma cabra mágica, que quase foram mortos em uma casa “mal-assombrada” e como acabaram conhecendo uma garota chamada Annabeth.

Também incluí um mapa da casa de Halcyon Green. Apesar do estrago descrito na história, a casa foi reconstruída, o que é muito preocupante. Se você for até lá, tome muito cuidado. O lugar ainda pode conter tesouros, mas com certeza também abriga monstros e armadilhas.

Nossa segunda história certamente vai me causar problemas com Hermes. *Percy Jackson e o cajado de Hermes* descreve um incidente constrangedor para o deus dos viajantes, que esperava resolver a questão sem alarde e com a ajuda de Percy e Annabeth. Cronologicamente, a história se passa entre *O último olimpiano* e *O herói perdido*, logo depois de eles começarem a namorar e antes do desaparecimento de Percy. Esse é um ótimo exemplo de como a rotina de um semideus pode ser interrompida de uma hora para outra por uma crise no Olimpo. Mesmo que você só esteja indo ao Central Park para um piquenique, sempre leve sua espada! Hermes me ameaçou com atrasos no correio, internet ruim e queda no mercado de ações caso publicasse essa história. Espero que ele só esteja blefando.

Logo em seguida, há uma entrevista com George e Martha, as cobras de Hermes, e também retratos de alguns semideuses importantes que você talvez encontre durante suas missões. Entre eles está a primeira imagem registrada de Thalia Grace. Ela não gosta de ser retratada, mas conseguimos convencê-la, só dessa vez.

Depois, *Leo Valdez e a busca por Buford* levará você aos bastidores do bunker 9 enquanto Leo tenta construir seu barco voador, o *Argo II* (ou “a incrível máquina de guerra”). Você vai descobrir que é possível encontrar monstros até dentro das fronteiras do Acampamento Meio-Sangue, e que nesse caso Leo se mete em uma confusão potencialmente catastrófica envolvendo garotas festeiras e malucas, mesas que andam e materiais explosivos. Mesmo com a ajuda de Piper e Jason, é difícil prever se ele vai conseguir sobreviver à aventura.

Também incluí um diagrama do bunker 9, mas sabia que é só um esboço grosseiro! Ninguém, nem mesmo Leo, descobriu todas as passagens secretas, túneis e salas escondidas do bunker. Podemos apenas imaginar quão grande e complicado o lugar realmente é.

Finalmente, a mais perigosa de todas as histórias: *Filho da magia*. O assunto é tão delicado que eu não conseguiria escrever sobre ele. Não houve jeito de me aproximar o suficiente do jovem semideus Alabaster para entrevistá-lo. Ele me reconheceria como um agente do Acampamento Meio-Sangue e provavelmente acabaria

comigo na hora. No entanto, meu filho Haley conseguiu ter acesso a seus segredos. Ele, que agora tem dezesseis anos, a mesma idade de Percy, escreveu *Filho da magia* especialmente para este livro, e devo dizer que conseguiu responder a algumas questões misteriosas até para mim. Quem controla a Névoa, e como? Por que os monstros conseguem sentir a presença dos semideuses? O que aconteceu com os semideuses que lutaram no exército de Cronos durante a invasão de Manhattan? Todas essas dúvidas são respondidas em *Filho da magia*. Você vai perceber que esse relato lança luz sobre uma parte inteiramente nova e muito perigosa do mundo de Percy Jackson.

Espero que *Os diários do semideus* o ajude a se preparar para as próprias aventuras. Como diria Annabeth, o conhecimento é uma arma. Desejo-lhe sorte, jovem leitor. Mantenha sua armadura e as armas à mão. Fique atento. E lembre-se, você não está sozinho!

Sinceramente,

A handwritten signature in black ink that reads "Rick Riordan" in a cursive, flowing style. The signature is positioned above the printed name.

Rick Riordan

Escritor sênior, Acampamento Meio-Sangue  
Long Island, Nova York

O DIÁRIO DE LUKE  
CASTELLAN





Meu nome é Luke.

Sinceramente, não sei se vou conseguir manter este diário. Minha vida é bem maluca. Mas prometi ao velho que iria tentar. Depois do que aconteceu hoje... Bem, eu devo isso a ele.

Minhas mãos estão tremendo enquanto fico aqui de vigia. Não consigo tirar aquelas imagens horríveis da cabeça. Ainda tenho algumas horas até as garotas acordarem. Se eu escrever a história, talvez consiga superá-la.

Acho que devo começar com a cabra mágica.

Durante três dias, Thalia e eu seguimos a cabra pela Virgínia. Eu não sabia ao certo o porquê. Para mim, a cabra não parecia ter nada de especial, mas Thalia estava mais nervosa do que eu jamais a vira antes. Ela tinha certeza de que o animal era algum tipo de sinal enviado pelo pai, Zeus.

Sim, o pai dela é um deus grego. O meu também é. Somos semideuses. Se você acha que isso parece legal, pense duas vezes. Semideuses são ímãs de monstros. Todas aquelas coisas horríveis da Grécia Antiga, como Fúrias, harpias e górgonas, ainda existem e são capazes de sentir a presença de heróis como nós a quilômetros de distância. Por causa disso, Thalia e eu passamos o tempo todo fugindo. Nossos pais superpoderosos sequer falam com a gente, muito menos nos ajudam. Por quê? Se eu tentasse explicar isso ia acabar com o espaço do diário, então vou seguir em frente.

De qualquer maneira, a tal cabra aparecia em momentos aleatórios, sempre ao longe. Quando tentávamos alcançá-la, ela desaparecia e ressurgia mais distante, como se quisesse nos levar a algum lugar.

Por mim, deixaríamos o bicho para lá. Thalia não me explicava por que achava que o animal era importante, mas nós já havíamos passado por muitas aventuras juntos, o suficiente para eu ter aprendido a confiar em seu bom senso. Então, seguimos a cabra.

Chegamos a Richmond de manhã cedo. Atravessamos uma ponte estreita sobre um rio calmo e esverdeado, passamos por parques arborizados e cemitérios da Guerra Civil. Na medida em que nos aproximávamos do centro da cidade, cruzamos bairros tranquilos e cheios de casas



de tijolos vermelhos bem próximas umas das outras, com varandas de colunas brancas e pequenos jardins.

Imaginei todas as famílias normais que moravam naquelas casas aconchegantes. Pensei em como seria ter um lar, saber quando seria minha próxima refeição, e não ter que me preocupar todos os dias com a possibilidade de ser devorado por monstros. Fugi de casa quando tinha apenas nove anos — cinco longos anos atrás. Mal me lembro de como é dormir em uma cama de verdade.

Depois de caminhar por mais de um quilômetro, meus pés pareciam estar derretendo nos sapatos. Esperava encontrar um lugar para descansar, talvez arranjar comida. Em vez disso, encontramos a cabra.

A rua pela qual seguíamos terminava em um grande parque circular. Imponentes mansões de tijolos vermelhos cercavam a área. No meio da rotatória, em um pedestal de mármore de uns seis metros, havia uma estátua de bronze de um cara montado em um cavalo. A cabra pastava na grama ao redor do monumento.

— Esconda-se!

Thalia me puxou para trás de umas roseiras.

— É só uma cabra — repeti pela milionésima vez. —

Por que...?

— Ela é especial — insistiu ela. — É um dos animais sagrados do meu pai. Seu nome é Amalteia.

Thalia não havia mencionado o nome da cabra antes. Eu me perguntava por que ela parecia tão nervosa.

Ela não tem medo de muita coisa. Só tem doze anos, é dois anos mais nova que eu, mas se você a visse andando na rua, sairia da frente. Ela usa botas pretas de couro, jeans pretos e uma jaqueta velha de couro com *spikes*; seu cabelo é escuro e arrepiado como o pelo de um animal feroz; os intensos olhos azuis sondam você como se estivesse pensando na melhor maneira de transformá-lo em purê.

Se alguma coisa assusta Thalia, eu tenho que levar a sério.

— Você já viu essa cabra antes? — perguntei.

Ela assentiu, relutante.

— Em Los Angeles, na noite em que fugi de casa. Amalteia me levou para fora da cidade. E depois, naquela noite em que nos encontramos... Ela me guiou até *voce*.

Encarei Thalia. Até onde eu sabia, nosso encontro havia sido acidental. Nós literalmente trombamos um no outro na caverna de um dragão perto de Charleston e nos unimos para continuarmos vivos. Ela nunca mencionara cabra alguma.

Thalia não gostava de falar sobre sua antiga vida em Los Angeles, e eu a respeitava demais para bisbilhotar. Sabia que sua mãe havia se apaixonado por Zeus, e que, depois de um tempo, Zeus a dispensou, como os deuses

tendem a fazer. A mãe dela ficou muito deprimida, começou a beber e fazer coisas malucas — não sei os detalhes — até que, finalmente, ela decidiu fugir. Em outras palavras, seu passado era muito parecido com o meu.

Ela respirou fundo.

— Luke, quando Amalteia aparece, alguma coisa importante está para acontecer... alguma coisa *perigosa*. Ela é como um aviso de Zeus, um guia.

— Para quê?

— Não sei... mas olhe. — Thalia apontou para o outro lado da rua. — Desta vez ela não desapareceu. Devemos estar perto do lugar para onde ela está nos levando.

Thalia tinha razão. A cabra estava ali, a menos de cem metros de nós, pastando tranquilamente na base do monumento.

Não sou especialista em animais de fazenda, mas Amalteia parecia mesmo estranha, agora que estávamos perto o bastante para observá-la. Tinha chifres espiralados como os de um carneiro, mas suas tetas eram inchadas como as de uma fêmea. E o pelo cinza e longo estava... brilhando? Raios de luz pareciam sair de seu corpo como uma nuvem de néon, fazendo o animal parecer desfocado e fantasmagórico.

Alguns carros passavam pela rotatória, mas ninguém parecia notar a cabra radioativa. Isso não me sur-

preendeu. Há uma espécie de camuflagem mágica que impede que os mortais vejam a verdadeira aparência de monstros e deuses. Nós não sabemos ao certo qual é o nome dessa força ou como ela funciona, mas é bem poderosa. Os mortais provavelmente viam a cabra como um simples cachorro vira-lata, ou talvez nem conseguissem enxergá-la.

Thalia me segurou pelo pulso.

— Venha. Vamos tentar falar com ela.

— Primeiro nos escondemos da cabra — disse.  
— Agora você quer falar com ela?

Thalia me puxou de trás das roseiras e me arrastou para o outro lado da rua. Eu não protestei. Quando ela mete uma ideia na cabeça, a única coisa a fazer é aceitar. Ela sempre faz tudo do jeito dela.

Além do mais, eu não podia deixá-la ir sem mim. Thalia salvou minha vida um monte de vezes. É minha única amiga. Antes de nos encontrarmos, eu havia viajado durante anos sozinho, infeliz e solitário. De vez em quando fazia amizade com mortais, mas sempre que contava a verdade sobre mim, eles não entendiam. Eu dizia que era filho de Hermes, o mensageiro imortal com as sandálias aladas. Explicava que monstros e deuses gregos eram reais e viviam no mundo moderno. Meus amigos mortais diziam: “Que legal! Eu queria ser um semideus!”, como

se fosse uma espécie de jogo. Eu sempre acabava indo embora.

Mas Thalia entendia. Ela era como eu. Agora que eu a encontrara, estava determinado a continuar com ela. Se a garota queria seguir uma cabra mágica brilhante, então era o que faríamos, mesmo que eu tivesse um mau pressentimento sobre isso.

Nós nos aproximamos da estátua. A cabra não nos deu atenção, mastigou um bocadinho de grama e depois bateu os chifres na base de mármore do monumento. Em uma placa de bronze estava inscrito *Robert E. Lee*. Eu não sabia muito de história, mas tinha quase certeza de que Lee era um general que havia perdido uma guerra. Não me pareceu um bom presságio.

Thalia ajoelhou-se ao lado da cabra.

— Amalteia?

O animal se virou. Tinha olhos tristes cor de âmbar e uma coleira de bronze no pescoço. Uma luz branca e indistinta o cercava como uma névoa, mas o que realmente chamou minha atenção foram as tetas. Cada uma era marcada com letras gregas, como tatuagens. Eu sabia ler um pouco de grego antigo — uma habilidade natural para os semideuses, acho. As inscrições nas tetas eram: *Néctar*, *Leite*, *Água*, *Refrigerante*, *Refrigerante diet* e *Puxe aqui para gelo*. Ou talvez eu tenha lido errado. Espero que sim.

Thalia olhou nos olhos da cabra.

— Amalteia, o que você quer que eu faça? Meu pai a mandou?

A cabra olhou de esguelha para mim. Ela parecia um pouco irritada, como se eu estivesse me metendo em uma conversa particular.

Dei um passo para trás, resistindo ao impulso de pegar minha arma. Ah, a propósito, minha arma era um taco de golfe. Pode rir à vontade. Antes eu tinha uma espada feita de bronze celestial, que é letal para os monstros, mas a espada fora corroída por ácido (uma longa história). Agora tudo que eu possuía era um taco de ferro que carregava nas costas. Não é exatamente épico. Se a cabra decidisse nos atacar, eu estaria encrocado.

Pigarreei.

— Hã... Thalia, tem certeza de que essa cabra foi enviada pelo seu pai?

— Ela é imortal — respondeu ela. — Quando Zeus era um bebê, Reia, a mãe dele, o escondeu em uma caverna...

— Porque Cronos queria devorá-lo?

Eu havia escutado isso em algum lugar, a história de que o velho rei Titã devorava os próprios filhos.

Thalia assentiu.

— Então essa cabra, Amalteia, cuidou do bebê Zeus em seu berço. Ela o amamentou.

— Com refrigerante diet? — perguntei.

Ela franziu a testa.

— O quê?

— Leia as tetas. A cabra tem cinco sabores, além de um dispenser de gelo.

— Béeééé — bradou Amalteia.

Thalia afagou a cabeça do animal.

— Tudo bem, tudo bem. Ele não teve a intenção de ofender você. Por que nos trouxe aqui, Amalteia? Aonde quer que eu vá?

A cabra bateu a cabeça na base do monumento. Do topo, veio o som de metal rangendo. Ergui os olhos e vi o general Lee de bronze mover o braço direito.

Quase me escondi atrás da cabra. Thalia e eu já havíamos lutado contra várias estátuas móveis antes. Elas são chamadas de autômatos e são sinônimos de problemas. Eu não desejava enfrentar Robert E. Lee com um taco de golfe.

Felizmente, a estátua não atacou. Apenas apontou para o outro lado da rua.

Olhei para Thalia sem esconder o nervosismo.

— O que foi isso?

Ela indicou com a cabeça a direção apontada pela estátua.

Do outro lado da rua que circundava o parque havia uma mansão de tijolos vermelhos coberta de hera. Nas

laterais, grandes carvalhos tinham várias trepadeiras penduradas nos galhos. As janelas da casa estavam fechadas e as luzes, desligadas. Colunas brancas e descascadas ladeavam a varanda. A porta era preta como carvão. Mesmo em uma manhã brilhante e ensolarada, o lugar parecia sombrio e sinistro — como uma mansão assombrada em *E o vento levou*.

Minha boca ficou seca.

— A cabra quer que a gente entre *ali*?

— Bééééé.

Amalteia inclinou ligeiramente a cabeça, como se assentisse. Thalia tocou os chifres espiralados da cabra.

— Obrigada, Amalteia. Eu... confio em você.

Eu não sabia por que, considerando que Thalia parecia estar com muito medo.

A cabra me incomodava, e não só porque distribuía refrigerante por aí. Alguma coisa martelava em minha mente. Lembrei de já ter ouvido outra história sobre a cabra de Zeus, alguma coisa sobre aquele pelo brilhante...

De repente a névoa ficou mais densa e se expandiu em torno de Amalteia. Algo parecido com uma pequena nuvem de tempestade a envolveu. Houve um clarão de relâmpago. Quando a névoa se dissipou, a cabra havia desaparecido.

Eu nem tive a chance de testar o dispenser de gelo.



Olhei para a construção em ruínas. Em ambos os lados da casa, as árvores cobertas de musgo pareciam garras esperando para nos pegar.

— Tem certeza? — perguntei a Thalia.

Ela se voltou para mim.

— Amalteia me leva a coisas boas. Na última vez que apareceu, ela me levou até você.

O elogio me aqueceu como uma caneca de chocolate quente. Fico bobo com essas coisas. Thalia só precisa piscar aqueles olhos azuis, me dizer uma palavra gentil, que consegue me convencer a fazer praticamente qualquer coisa. Mas eu não podia deixar de me perguntar: em Charleston, a cabra a levava para *mim* ou para a caverna do dragão?

Eu respirei fundo.

— Tudo bem. Mansão sinistra, aí vamos nós.

A aldrava de bronze na porta era uma reprodução do rosto da Medusa, o que não era um bom sinal. As tábuas do piso da varanda estalavam sob nossos pés. As persianas das janelas caíam aos pedaços, mas o vidro estava sujo e havia cortinas escuras do lado de dentro, de forma que era impossível ver o interior.

Thalia bateu na porta.

Ninguém respondeu.

Ela girou a maçaneta, mas a porta parecia estar trancada. Minha esperança era de que ela desistisse. Em vez disso, olhou-me cheia de expectativa.

— Pode dar um jeito aqui?

Rangi os dentes.

— Odeio fazer isso.

Apesar de nunca ter conhecido meu pai e não querer conhecê-lo, herdei alguns de seus talentos. Além de ser o mensageiro dos deuses, Hermes é o deus dos mercadores — o que explica por que sou bom com dinheiro — e dos viajantes, o que explica por que aquele canalha divino abandonou minha mãe e nunca mais voltou. Ele também é o deus dos ladrões. Já roubou coisas como... Ah, gado de Apolo, mulheres, boas ideias, carteiras, a sanidade da minha mãe e minha chance de ter uma vida normal.

Desculpe, isso foi mordaz demais?

Enfim, por causa dos roubos divinos de meu pai, tenho algumas habilidades que não gosto de espalhar por aí.

Pus a mão no trinco da porta. Concentrei-me, sentindo o mecanismo interno que controlava o ferrolho. Com um estalo, o trinco deslizou para trás. A fechadura da maçaneta foi ainda mais fácil. Dei uma batidinha nela, girei-a, e a porta se abriu.